

SINGULARIDADES NA ORGANIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS PARTICULARES DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

SINGULARITIES IN THE ORGANIZATION OF PRIVATE LIBRARIES OF UNIVERSITY PROFESSOR

Alicia Dill Loose^a
Camila Monteiro de Barros^b

RESUMO

Objetivo: o presente artigo busca identificar o processo de Organização da Informação em bibliotecas particulares de professores da Universidade Federal de Santa Catarina. De modo específico, pretendeu-se descrever os métodos de organização empregados nos acervos investigados. **Metodologia:** trata-se de um estudo com uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo. Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis docentes da universidade, que ocorreram presencialmente nas bibliotecas alvos do estudo ou de maneira remota quando os acervos se encontravam nas residências. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Utilizou-se do método de análise de conteúdo para tratar os dados. **Resultados:** após as entrevistas, constatou-se que, em sua maioria, os participantes definem o assunto como princípio de organização, além da utilização de nomes dos autores no momento da classificação, do ano na ordenação das obras e o uso do critério de localização. Entretanto, os critérios de cunho pessoal na organização se sobressaíram, como a utilização da importância como método de classificação, a divisão por continentes e países como classe principal, a ordenação pela trajetória de vida do docente e do livro, bem como a criação de um sistema próprio de classificação. **Conclusões:** de modo geral, os critérios pessoais se destacaram no método de classificação usados pelos professores, fato que evidencia o quanto a biblioteca particular é o reflexo de vida de seu proprietário.

Descritores: Bibliotecas particulares. Organização da informação. Classificação em bibliotecas particulares.

^a Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, Brasil. Email: alici.loose@gmail.com

^b Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Departamento de Ciência da Informação (CIN/UFSC) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN/UFSC). Florianópolis, Brasil. Email: camila.c.m.b@ufsc.br.

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca, conforme Ranganathan (2009), é um organismo vivo em constante crescimento e evolução, que desempenha um papel essencial na sociedade democrática ao contribuir para a construção do conhecimento. No entanto, sabe-se que a sociedade é composta por indivíduos com necessidades diversas, o que exige que as bibliotecas se adaptem a essas variações (Araújo; Vila, 2019). Nesse contexto, emergem diferentes tipos de bibliotecas, entre elas, as bibliotecas particulares.

As bibliotecas particulares nascem a partir das necessidades e contextos pessoais de seus proprietários, estando diretamente ligadas aos assuntos inerentes aos seus interesses pessoais e profissionais (Velloso, 2008). Costa e Napoleone (2017, p. 1) observam que uma coleção particular “[...] tem seu próprio discurso, podendo mostrar a visão do mundo, interesses e valores de seu colecionador”, pois sua formação é um reflexo de sua trajetória de vida, uma biografia de seu tutor, em que os critérios escolhidos para organizar esse tipo de acervo partem das vivências e conhecimento que o colecionador adquire ao longo de sua vida. Dessa maneira, a organização da informação nesses espaços também reflete essas particularidades.

Segundo Luís Milanesi (2002), a definição de biblioteca está ligada à presença de algum tipo de organização que possibilite localizar o que se deseja, mesmo que apenas o proprietário ou poucas pessoas consigam ter sucesso nessa busca. Assim, a organização dos livros em uma biblioteca deve seguir critérios estabelecidos pela instituição mantenedora ou pelo proprietário da coleção, estabelecendo um sistema de classificação adequado às suas necessidades.

Dentro do campo de atuação da Biblioteconomia, as atividades relacionadas à organização da informação possibilitam o acesso a documentos em unidades de informação e a recuperação do seu conteúdo intelectual (Souza, 2007). Assim, os acervos de bibliotecas, que estão em constante crescimento, exigem um método de representação de seu conteúdo enquanto assunto nos sistemas informatizados e de uma organização sistemática das obras nas

estantes, momento em que a classificação exerce fundamental papel.

De modo geral, toda forma de organização segue características de classificação, ou seja, adotam um elemento de ligação que serve de norteador no agrupamento de obras semelhantes (Barbosa, 1969). Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é caracterizar o processo de organização das bibliotecas particulares de docentes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), buscando descrever os aspectos gerais dos princípios de organização da informação utilizados pelos docentes.

A investigação desse processo de classificação individual parte do interesse em compreender como ocorre o ato de classificar dentro de bibliotecas particulares, especificamente as de professores universitários, com o intuito de identificar os critérios pré-estabelecidos pelo proprietário do acervo na escolha de determinadas metodologias de organização da informação. Esses acervos refletem a personalidade e a trajetória de seus donos, e os critérios de organização são fundamentados nos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, tornando o ato de classificar fundamento do ato de conhecer (Nunes; Tálamo, 2009).

2 BIBLIOTECA PARTICULAR

A biblioteca é definida por Caribe (2017) como uma unidade social formada com o objetivo de atender as demandas informacionais de uma comunidade, tendo seus objetos organizados de maneira a possibilitar seu acesso e disseminação. Importantes transmissoras de memórias, as bibliotecas estão intimamente relacionadas com a evolução do conhecimento humano, sendo através de suas prateleiras que esses conhecimentos são preservados e disseminados através dos tempos. Vê-se, então, a biblioteca como uma importante instituição social no processo de comunicação humana (Santos, 2012).

Para atender as necessidades informacionais de seu público, as bibliotecas podem ser de vários tipos, sendo classificadas de acordo com três variáveis: finalidade, acervo e público. Quando combinadas, estas variáveis determinam as especificidades de cada unidade de informação (Lubisco, 2020).

Encontram-se hoje bibliotecas de todos os tipos, entre elas públicas, universitárias, escolares, especializadas, comunitárias e as bibliotecas particulares, principal foco deste estudo.

Uma biblioteca particular é definida, de acordo com Faria e Pericão (2008), como uma biblioteca criada para o uso particular de um indivíduo ou instituição, sem a utilização de recursos públicos. A concepção de uma biblioteca particular nasce a partir da construção do acervo através de uma dimensão humana, controlada pelo proprietário e constituída por obras escolhidas sob determinados critérios pessoais, infundido com as preocupações e vaidades de seu possuidor (Silva, 2018).

Tal biblioteca demonstra, em certa medida, uma identidade de seu titular, caracterizada por suas particularidades, tornando a biblioteca um tipo de autobiografia e um retrato de seu proprietário. Ora, se a biblioteca particular é um reflexo de uma construção pessoal, sua formação trará obras que o representem individualmente (Lacerda, 2021).

De acordo com Coelho (2010), os livros que compõem esse tipo de acervo são reunidos conforme as escolhas pessoais de seu proprietário, exibindo uma articulação de pensamentos, pois ela carrega em si uma história de vida única construída ao longo do tempo com dedicação e amor aos livros, formando o acervo com obras que a tornam singular. A biblioteca particular acompanha as diferentes trajetórias de vida de seu proprietário, sendo que sua importância não pode ser medida pelo tamanho de seu acervo, “[...] mas pela vida que flui dentro dela. [Independentemente] de sua grandiosidade, as bibliotecas são sempre infinitas e insubstituíveis” (Coelho, 2010, p. 4).

Estas coleções são recortes de uma vida, sendo repleta de metáforas e memórias acumuladas ao longo do tempo, sendo os livros seus transmissores, pois testemunham a vida e as predileções de seu tutor (Azevedo *et al.*, 2018; Velloso, 2008). Desse modo, Silva (2018, p. 58) diz que “[...] uma biblioteca particular representa os interesses de seu colecionador, já que reúne objetos de acordo com percepções subjetivas de seu possuidor”, tornando-se uma expressão da memória pessoal.

Nesse contexto, a biblioteca se torna a imagem fundamental do indivíduo

na qual ele projeta sua visão do mundo, formando-a através de uma perspectiva da cultura de sua própria personalidade, sendo o “Eu no centro de Minha biblioteca” (Moles, 1978, p. 40).

Assim, entende-se que o objetivo de formar uma biblioteca particular está profundamente ligado à trajetória de vida do indivíduo. Além de proporcionar prazer, a criação de uma coleção pessoal está associada à prática de organizar o conhecimento sobre temas que refletem os interesses do proprietário (Velloso, 2008).

A biblioteca particular também herda significados importantes de seu dono. Como afirma Azevedo (2010, p. 246):

[...] temos a certeza de que os livros são mais fortes e soberanos que nós próprios, mas longevos de fato. O proprietário passa e eles ficam - quase que de maneira irônica, pode-se dizer - como um descendente daquele que ao longo da vida a gestou, alimentou e a criou. Vivo, o colecionador dominava, tinha o poder do acervo; com sua morte, vivem em e por seus livros. Esses, então, assumem um papel de prolongamento da memória do ente que a concebeu, pois permanece na coleção a essência dele. Com isso, ela irá ao longo dos anos perpetuá-lo.

Moraes (2005) observa que, ao estudar grandes bibliotecas ao redor do mundo, especialmente as nacionais, é possível notar que muitos desses acervos tiveram origem em coleções particulares, que cresceram e se expandiram com a incorporação de outros acervos bibliográficos pessoais. Isso também ocorre com bibliotecas universitárias, que incorporam coleções particulares de professores, como o exemplo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE-UnB). No início, a BCE-UnB adquiriu as coleções de docentes da universidade, como os professores Homero Pires e Pedro de Almeida Moura, enriquecendo o acervo com obras raras e importantes, muitas das quais não estavam disponíveis no mercado livreiro, e tornando acessíveis livros cuidadosamente selecionados de áreas específicas do conhecimento (Lacerda, 2021).

Portanto, a concepção e perpetuação de bibliotecas particulares ao longo do tempo tem impactado na formação de coleções públicas, “[...] por mais que sejam essencialmente individuais e peculiares”, elas possuem uma herança patrimonial para toda uma comunidade, principalmente as universitárias (Azevedo *et al.*, 2018, p. 6-7). Silva (2018, p. 66) afirma que “as bibliotecas

particulares têm contribuído para a melhoria dos acervos das bibliotecas universitárias”, pois elas são uma importante fonte de pesquisa científica em vários campos do conhecimento, além de fazerem parte de uma memória social que contribui na produção de novos conhecimento e pesquisas (Santiago, 2018).

3 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS PARTICULARES

Nas bibliotecas, o tratamento da informação é a operação responsável pelo controle e registro dos materiais, sua descrição e armazenamento na coleção, tornando possível a difusão da informação e do conhecimento neste espaço (Fujita; Rubi; Boccato, 2009).

Primordialmente, as bibliotecas são organizadas por sistemas de classificação de assunto, mas essa organização pode sofrer variações e adaptações ocasionadas por alguns fatores, como o tipo de material que a compõe, a faixa etária do seu público, entre outros. Em uma biblioteca infantil, um exemplo de adaptação é a utilização do sistema de cores (Hilleslieini; Fachin, 2000).

Um tipo de acervo que sofre variações de organização física são os acervos particulares institucionalizados. Coleções particulares normalmente sofrem dispersão quando incorporadas a outras bibliotecas, já que uma vez incorporadas, precisam ser submetidas à estrutura da biblioteca que recai sobre todo o acervo.

Dessa forma, Costa e Napoleone (2017) afirmam que lidar com acervos provenientes de bibliotecas particulares depende do conhecimento que se tem da história da coleção e do seu proprietário, exigindo uma visão apurada por parte do bibliotecário. Os autores sugerem, quando pertinente, a utilização de uma taxonomia personalizada para realizar a organização do acervo pessoal, “de forma a reconhecer e manter os esquemas mentais e lógicos da organização do colecionador” (Costa; Napoleone, 2017, p. 14).

Ainda que existam adaptações, os principais sistemas de classificações bibliográficos utilizados em bibliotecas no ocidente são a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU). Ambos apresentam uma organização hierárquica com 10 classes principais de assuntos, sendo a

CDU mais flexível por conta da estrutura da notação e da aplicação das tabelas.

Ao estudar os métodos de organização em acervos específicos, como as bibliotecas particulares, é possível verificar que, em alguns casos, os critérios empregados na classificação destes acervos se assemelham às estruturas da CDU e da CDD, como é o caso da biblioteca particular de Mário de Andrade.

O poeta possuía uma extensa coleção bibliográfica em sua casa, pela qual tinha muito apreço, e a fim de organizar seu acervo, o escritor elaborou seu próprio sistema de classificação. Esse sistema era composto por duas formas de ordenação: fichário analítico e etiquetas. A primeira consistiu na elaboração de um fichário analítico composto de fichas de leitura e outros documentos, em que cada ficha era organizada em números que iam de 0 a 9, e cada número representava um assunto de interesse do escritor (Santos; Valls, 2021).

A segunda forma de organização utilizada foi a confecção de etiquetas, coladas dentro das páginas de rosto dos livros, em formato de uma cruz sob o cabeçalho do nome de Mário de Andrade. Essa etiqueta possibilitava o preenchimento de quatro campos: no primeiro constava uma notação de qual cômodo a obra se encontra (designada por uma letra maiúscula – A até G), o segundo demarcava a estante (em números romanos), o terceiro designava a prateleira dentro da estante em que a obra estava (indicado por uma letra minúscula) e, por fim, o quarto campo indicava o número da obra, descrito em algarismo arábico (Lopez, 2011).

O estudo de Costa e Napoleone (2017) apresenta outra perspectiva acerca da organização de bibliotecas particulares, em contraposto da desenvolvida no acervo de Mário de Andrade. Nessa pesquisa, os autores supracitados investigam o acervo da colecionadora Ema Gordon Klabin e utilizam como eixo principal de articulação das informações a própria colecionadora.

O acervo de Ema Gordon Klabin adquire uma perspectiva intimista e pessoal, já que a coleção é mantida dentro da residência da proprietária, contando com aproximadamente 3.000 itens acumulados ao longo da vida da colecionadora. Na organização desse acervo em específico identificou-se critérios utilizados por Ema G. Klabin:

Nas estantes da biblioteca guardavam apenas livros encadernados, agrupados por assunto e por idiomas, sendo que livros raros e livros sobre arte e sobre viajantes ficavam sempre nas prateleiras mais acessíveis. Havia uma preocupação com a visualização, a apresentação das estantes: há fileiras de livros encadernados em verde e vermelho. Os livros raros de grande formato eram mantidos na ante-sala do seu quarto. Os livros não encadernados, bem como as revistas, catálogos, folhetos e partituras eram guardados nas partes fechadas das estantes e dentro de móveis por toda a casa (Costa; Napoleone, 2017, p. 12-13).

Entende-se, então, que as bibliotecas particulares têm uma liberdade maior na seleção de um sistema de classificação que melhor atenda às necessidades do colecionador, apenas possuindo como critério de escolha sistemas que permitam localizar, retirar e devolver os itens na prateleira de maneira facilitada, bem como na inserção de novos materiais na coleção de modo que ela não perca sua ordem lógica.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa e caráter exploratório do ponto de vista dos objetivos. Prodanov e Freitas (2013, p. 70) afirmam que a pesquisa qualitativa envolve a interpretação dos fenômenos observados e o processo de atribuir significado a eles, existindo um "vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números". Nesta abordagem, o ambiente natural em que as questões se apresentam é a fonte direta de coleta dos dados que serão levantados no decorrer da pesquisa.

Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Richardson, 2017) como uma espécie de um roteiro baseado em duas vertentes principais: (1) processo de formação da coleção e (2) identificação dos princípios de organização do acervo pessoal escolhido pelo proprietário.

Seis docentes da Universidade Federal de Santa Catarina foram entrevistados (aqui identificados como D1, D2 ... D6). Os docentes participantes da pesquisa fazem parte dos seguintes centros de ensino da universidade: Centro Tecnológico (CTC/UFSC – D1 e D5), Centro de Ciências da Educação (CED/UFSC – D2 e D6), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH/UFSC –

D4) e do Centro de Ciências Biológicas (CCB/UFSC – D3).

Para realizar o mapeamento dessas bibliotecas, aplicou-se a metodologia bola de neve, que é um:

[...]“tipo de amostragem [...] não probabilística, que utiliza cadeias de referência”, em que solicita-se que os entrevistados iniciais escolhidos pela autora (denominados “sementes”) “indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente” com os demais entrevistados (Vinuto, 2014, p. 203).

O contato com os professores foi por meio de e-mail e telefone, em que foram acordados sobre os objetivos da pesquisa, sendo disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para leitura prévia. Após o aceite, as entrevistas foram realizadas de dois modos: presencialmente, quando a biblioteca em questão era mantida na UFSC e online via Google Meet ou WhatsApp, no caso de acervos mantidos nas residências. As entrevistas foram gravadas (apenas o áudio), com o consentimento dos entrevistados. Ao fim do processo, realizou-se a transcrição parcial das conversas, que permitiu registrar pontualmente as falas que determinaram os resultados da pesquisa.

Para tratamento dos dados, estes foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin (2016). As categorias de análise foram definidas seguindo as vertentes definidas na elaboração do roteiro da entrevista.

5 RESULTADOS

Inicialmente, será apresentado aspectos referentes à origem das bibliotecas e as motivações para seu desenvolvimento, a fim de possibilitar uma compreensão dos objetivos da biblioteca e sua relevância para o docente.

Quando questionado sobre a motivação da criação do acervo e sua importância, o docente 2 relatou:

Eu fui criado numa casa, [...], na roça, que só existiam dois livros, um dicionário de língua portuguesa [...] e um livro de contabilidade que foi o mesmo onde meu pai e meu tio, os únicos irmãos, [...], ambos estudaram nesse livro no ensino técnico que eles fizeram de contabilidade. Então eu ia na casa dos meus amigos, [...] que tinham pais com ensino superior e tinham enciclopédias em casa e eu ficava encantado com aquilo. Era um conflito sempre porque os meus amigos da cidade queriam ir pro sítio brincar [...] e eu queria ficar vendo as enciclopédias.

Depois, a minha escola de educação básica passou por uma reforma [...] e a nossa sala de aula que era pequena foi transferida pra dentro da biblioteca [...] e eu fiquei na fileira encostada na prateleira e bem do lado de uma coleção que eu adorava [...]. Eu descobri coisas incríveis nesse ano na escola [...] fiz grandes descobertas! (D2).

À medida que avançava em sua trajetória profissional, o entrevistado 2 mencionou que, em sua área, caracterizada por um forte apelo intelectual e erudito, uma biblioteca possui um grande simbolismo. Ele relatou que, embora tivesse o desejo de construir uma, isso só foi possível após concluir a graduação. Ao longo do tempo, foi ganhando e adquirindo muitos livros, e a criação do acervo surgiu a partir de uma lacuna ou carência que sentia, o que o motivou a formar sua própria coleção.

Nota-se que o acervo foi criado partindo de motivações pessoais, intrinsecamente relacionadas ao modo de vida e trajetória relatados pelo entrevistado, bem como por motivações profissionais, já que sua carreira como professor possibilitou financeiramente a aquisições das obras desejadas. Durante a conversa, relatou que possuía em seu acervo obras que recebeu de uma amiga que, ao se desfazer de seu acervo pessoal, arrancava as folhas de rosto com dedicatórias (sendo elas representantes de memórias boas ou ruins) e as guardava em uma caixa, como lembrança. Essa história contada pelo docente foi algo que o marcou, afirmando que “tem muito de afeto na biblioteca da gente” (D2).

O relato do docente 3 traz uma memória familiar em se tratando dos livros,

Eu sempre li muito, eu sempre gostei muito de literatura, os meus pais apesar de minha mãe ter só o curso primário e o meu pai ter feito o ginásio, eles sempre leram muito e lá em casa sempre teve muito livro. Sou de uma família de seis irmãos e todo mundo sempre leu muito (D3).

Foi a partir dessa proximidade com os livros proporcionada pela sua vivência que o docente construiu seu acervo, demonstrando sempre um grande apego afetivo ao afirmar: “Eu não tenho filhos, não tenho pets, eu tenho livros” (D3). Por fim, o relato do docente 6 também trouxe memórias afetivas, principalmente familiares, afirmando possuir uma “relação muito pessoal com os livros”. Quando questionado sobre a motivação, o professor conta:

Eu sempre gostei de livros, desde que eu era criança, eu ia na

casa da minha vó e ficava lá, as vezes deixava de brincar um pouco para ficar olhando os livros que minha vó tinha em casa, as vezes eu não lia só ficava folheando, eu era pequeno ainda, mas eu sempre gostei muito de livros. Ai na graduação eu comecei a comprar meus livros em sebos. Então o primeiro acervo assim que eu tive nas repúblicas que morei era uma estante de metal, mas tinha meu 'acervozinho' ali, porque tinha a biblioteca né? Eu tinha acesso as bibliotecas, então ..., mas eu comecei a comprar alguns livros. Bom, depois, começando a vida profissional, eu fui adquirindo mais livros e em geral são livros ligados ao trabalho, ao que eu estudo né? [...] Eu dedico muito tempo a estudar coisas para trabalhar, então utilizo muito os livros, grifo eles ... então foi assim que foi crescendo meu acervo [...] eu gosto de livros [...] minha motivação é pessoal, de prazer, [mas também] de trabalho (D6).

Desde cedo o contato com livros o estimulou e com o passar do tempo a profissão também o motivou a construir seu acervo. Identifica-se que a ligação emocional com livros foi um importante fator de decisão quando se trata da formação da biblioteca pessoal desses professores. Independentemente das condições citadas por eles, sejam sociais ou financeiras, o acesso aos livros, em especial através de bibliotecas escolares, e o prazer pela leitura desencadearam um intento de formação de um acervo particular que sobressaía as necessidades profissionais da academia.

Por outro lado, as respostas a esse questionamento pelos entrevistados 1, 4 e 5 possuíram outro viés que não a instigação pessoal. Identificou-se que a motivação profissional foi a responsável pela criação e manutenção de seus acervos pessoais, como é possível visualizar na fala do docente 5, que afirma que seu acervo foi criado e existe para atender as “necessidades de ensino e pesquisa” (D5). Da mesma maneira o docente 1 responde que criou seu acervo “por causa das disciplinas, porque eu gostava e porque eu emprestava para os alunos”, relatando que “tem uns livros de leitura geral, mas esses estão em casa [...] tu sabe que já foi o tempo em que eu lia histórias entendeu? Agora ou é alguma coisa sempre voltada a informação, mudanças comportamentais, a economia e a coisas assim” (D1).

De modo semelhante, o docente 4 também conta que seu acervo surgiu a partir de demandas profissionais e de estudo, respondendo ao questionamento:

Considerando o acervo em papel inicialmente, como estudante,

dados as necessidades não supridas pelas bibliotecas públicas. Depois, como professor pesquisador, pela necessidade de alcance imediato, consultas inúmeras em qualquer momento e para leituras mais demoradas de obras importantes aos temas pesquisados. Depois, pelo volume que isto poderia acarretar e o custo para manter um acervo atualizado, foi necessário organizar um acervo digital (D4).

Assim, compreende-se que, em sua maioria, apesar de existirem motivações pessoais na criação dos acervos, as coleções se sustentam profissionalmente, tendo os acervos mantidos a fim de sanar necessidades voltadas a área de atuação dentro da universidade, exceto pelo acervo do docente 3.

Adiante, serão descritos os métodos de organização empregados pelos professores em suas bibliotecas. O docente 1, quando questionado sobre qual critério utilizava para organizar seu acervo, relatou que não possui nenhum e que ele mesmo se denomina como “o ponto fora da curva da pesquisa”. Segundo ele:

Meus livros são organizados assim hoje: [...] livros que eu achava importantíssimos, e com o tempo eles deixavam de ser importantes, está entendendo? aí eles iam sendo levados para [outro] armário ou para outra sala [...]. Naquela sala lá só estão os livros que eu considero [muito importantes], que eu gosto muito deles, ou que eu escrevi e outros critérios [...] eles já chegaram a ser organizados por áreas uma época [...] só que daí eu começo a mexer neles entendeu?

Observa-se que o critério utilizado é exclusivamente por importância, não utilizando o assunto como principal meio de organização, pois, segundo o relato, conforme consulta e usa seu acervo, acabava guardando os livros em outros lugares, não sendo relevante para D1 a manutenção da organização. De modo geral, foi possível observar que nas estantes alguns livros estão agrupados por áreas temáticas, mas esses se misturam entre si, não estando agrupados exclusivamente por assuntos.

Já os docentes 2, 3, 4, 5 e 6 relataram possuir um critério estabelecido para organização das suas bibliotecas. Essas divisões se mostram bem distintas entre si, possuindo suas particularidades bem definidas.

O docente 2 possui uma organização por meio de uma divisão “abstrata” entre ciências humanas e literatura, dentro dessas áreas existem outras divisões. Ele denomina como abstrata pois a biblioteca “tem uma divisão básica em

trabalho e lazer, só que essa divisão ela é só arbitrária né, ela é proforma, porque eu utilizo muito do que eu leio pra lazer no trabalho e as coisas se misturam”. De modo geral, “ela é dividida em ciências humanas e literatura, essa é a divisão básica. Ai dentro dela eu aplico outros critérios” (D2).

Nas ciências humanas, as divisões estabelecidas por D2 são por tipo de literatura, podendo ser estrangeira ou nacional e dentro dessa categoria existe uma subdivisão pelos temas de interesse do professor, em que o critério de assunto é voltado para a vida profissional, pois essas áreas de interesse estão relacionadas com as disciplinas que o docente leciona na universidade e disciplinas que já lecionou no passado (como geografia, história etc.) Dentro dos critérios dos temas de interesse, o docente possui uma subdivisão por pequenas coleções:

Dentro dessas estantes eu vou organizando pequenas coleções [...] tenho um certo interesse por ler autores do começo ao fim, [...] então à medida que vou reunindo essas obras e lendo cada uma delas, eu vou reunindo por autor. Basicamente é essa a divisão” (D2).

A seção de ciências humanas do acervo está organizada seguindo essa ordem: Ciências Humanas > Literatura estrangeira e nacional > temas de interesse > coleções por autores. A seção de lazer da estante possui fundamentalmente a mesma divisão, sendo subdividida da seguinte maneira: Literatura > literatura infantil, poesia e não poesia > nacionais e estrangeiros > coleções por autores. Além das subdivisões de lazer citadas, o docente também afirmou que possui uma subdivisão de teoria literária, pois devido a sua profissão e área de atuação ganha muitos livros sobre o assunto, por isso decidiu por separá-los em uma seção específica. Por não os consultar com frequência, esta seção fica na base da estante.

Outro critério utilizado é separar em uma seção específica os livros que leu durante o ano, assim, ao invés de devolver as obras ao seu local na prateleira conforme os critérios de organização determinados, ele os separa em uma prateleira específica para depois, no próximo ano, integrá-los nas estantes correspondentes. A fim de ter uma orientação pessoal, decidiu identificar os livros com a data da leitura e assim determinar uma cronologia:

Eu leio muito, é evidente [...] tem ano que leio 50 ou 60 livros e

eu gosto de ao final do ano dar uma olhada no que eu li naquele ano, porque tem essa coisa das datas que eu leio. Os livros de literatura que eu li a obra completa de um autor também estão em cronologia, mas não cronologia das obras, das publicações, mas na cronologia que eu li. Eu tento manter uma prateleira livre para organizar os livros que li naquele ano e para ao final do ano [compartilhar com os amigos sobre as leituras que fiz]" (D2).

Por fim, destaca-se um critério de organização totalmente pessoal na coleção do docente 2. No topo de sua estante estão dispostas obras relacionadas especificamente a cidades que fizeram parte da sua vida e trajetória:

Bem lá no alto estão o que eu chamo de minhas origens ou lugares por onde eu passei, ali eu guardo livros que eu ganhei ou adquiri que fazem referência a uma questão territorial, então livros que contam histórias da minha cidade [...] o critério [de organização] é cronológico [...]. As obras estão organizadas pela cronologia, pela minha própria trajetória (D2).

Apesar de seu acervo ser majoritariamente dividido por assuntos e subassunto, é possível identificar os critérios intrínsecos a vida e interesses do proprietário do acervo.

O docente 3 relata que, após sua aposentadoria, doou todo seu acervo profissional e técnico especializado em Biologia, ficando apenas com o acervo de literatura em sua residência, onde ele aplicou um método de organização próprio. Inicialmente, ele contou sobre o interesse por organizar seu acervo pessoal,

A partir de um certo momento eu comecei a comprar [livros] e aí eu achei que se eu os cadastrasse, organizasse de alguma forma e [...] as vezes chega uma visita e eu quero conversar e to falando de um livro e aí não localizava o livro. Então eu resolvi fazer uma organização para poder ter acesso a qualquer momento que eu quisesse alguma coisa.

Deste modo, evidencia-se que o professor organiza seu acervo para si, sem a ideia de organizar para terceiros. Quando questionado sobre a organização do acervo, o professor relatou que possui dificuldades em compreender os critérios utilizados em livrarias e como isso dificultava seu acesso aos livros. Por isso resolveu criar um critério próprio, afirmando "eu vou resolver o meu critério, é para meu uso, então vou utilizar os meus critérios" (D3).

O docente aponta que foi devido a essa dificuldade que resolveu criar um sistema de classificação próprio, baseado em seus princípios. Em uma planilha

do Excel, a organização é feita por setores da casa (quarto, sala, escritório etc.) e em cada “setor” ou parte da casa, há uma divisão por continentes/países e esta é subdividida por autores daquele local, que estão organizados da seguinte forma:

Por ordem alfabética do primeiro nome, não necessariamente pelo nome que eles são conhecidos, mas pelo nome real, e aí eu resolvi por uma curiosidade colocar a data de nascimento deles e de morte quando for o caso [...] aí eu tenho o local de nascimento [...] e aí eu coloco meu código [exemplo: AF.AG 01 - AF= África; AG= iniciais do autor; 01= primeiro livro que o professor adquiriu do autor]. Aí aqui eu tenho o nome da obra, a data da publicação do livro e a data da edição que eu tenho [...]. Essa catalogação ela não é por ordem de publicação, mas sim a ordem que chega a mim [...] eu poderia até organizar isso por ano, mas como daí o conteúdo vai ficar sempre com lacunas e eu vou acabar botando números e aí daqui a pouco eu vou ter que substituir os números todos (D3).

Além das divisões por continentes/países, há divisões como música (biografias etc.), história, coleção de livros de amigos, dicionários, pequenas coleções de livros (série de livros por exemplo, ‘Sete pecados capitais’, em que cada autor escreveu sobre um pecado), *cartoons*, autores gaúchos, mulheres brasileiras, homens brasileiros e uma divisão para o José Saramago (JS.01, JS.02 etc.). “Então na realidade [...] eu dividi a coisa por país, continente e alguns autores que eu tenho muitos volumes [...] eu crio um código próprio deles. O José Saramago, apesar de ser português, ele não está dentro da categoria de Espanha/Portugal” (D3).

Resumidamente, a classificação segue os seguintes critérios: Área geográfica (país de origem do autor) > autor > data de recebimento da obra no acervo a ordenação é feita pelos livros do autor que ele adquiriu primeiro.

Além da planilha, os livros estão identificados por etiquetas na lombada com o número de chamada estabelecido na tabela (exemplo: ES.MCS.01). Ainda, as estantes também estão identificadas com etiquetas contendo a nomenclatura das classificações (país, autor, mulheres brasileiras etc.). Outra seção presente nas estantes de seu acervo é a fila de leitura composta por uma prateleira em seu quarto, onde estão as obras que não foram lidas. Após a leitura, elas passam por esse processo de tratamento físico e são colocadas nas suas respectivas classificações.

Ao longo da entrevista, levantou-se o questionamento se a iniciativa de fazer uma classificação dos livros surgiu da experiência profissional como Biólogo:

Sim e não. Sim no sentido de que minha origem profissional fez eu trabalhar com classificações, entender critérios de classificação e entender que isso é uma coisa artificial [...] então da biologia eu herdei que classificar é importante. Agora o critério de classificação foi esse assim, [que foi sendo definido conforme a demanda do acervo e preferencias do professor] (D3).

Na entrevista com o docente 4, identifica-se que a organização se encontra por assuntos, porém com uma particularidade: a localização das estantes é definida pela memória. O acervo está dividido de duas maneiras: por temas gerais e por autores. Na conversa, o docente afirmou que a necessidade de organizar seu acervo surgiu através das disciplinas que lecionava, afirmando:

[...] se eu ia dar aula sobre um determinado tema eu separava os livros consultados sobre aquele tema, se eu ia usar mais exaustivamente bibliografias sobre um determinado autor eu separava aquele autor, se eu estava pesquisando tema como memória histórica eu separava todos os livros sobre memória histórica. Então essa organização espacial por autores e por temas, hora eles se mesclam, hora estão separados, foi em função da necessidade de uso toda hora e que estivesse ao meu alcance, estender o braço e pegar o livro (D4).

Apesar da classificação empregada ser bem delimitada por temas e autores, ela não possui nenhum artifício de sinalização. Entretanto, o docente conhece seu acervo e sabe exatamente onde está cada obra, afirmando “se você me perguntar qualquer autor ou qualquer livro eu vou saber dizer em que sala está e em que prateleira está, por isso que só eu mesmo tenho autorização de fazer a limpeza aqui” (D4). Portanto, a organização apesar de bem estruturada, é exclusivamente para uso do professor, já que

[...] não tem nenhuma classificação, é apenas de memória de como estão distribuídos espacialmente, por isso que se alguém quiser algum livro emprestado pode vir pegar, não tem problema, mas não pode arrumar, limpar etc., porque aí já bagunça, [...] e eu não tenho catálogo e, portanto, eu tenho a memória espacial de onde estão (D4).

O docente 5 organiza seu acervo de maneira bem delimitada por ‘assunto’ e ‘subassunto’, o qual denomina como macroáreas e microáreas, afirmando: “aqui eu tenho cada prateleira basicamente organizada por essas macroáreas,

algumas dessas macroáreas ocupam mais do que uma prateleira, mas não tem nada misturado “[...] é como se dentro de cada macroárea tivessem microáreas” (D5). Em sua sala na universidade possui apenas os livros especializados, mas relatou que possui um acervo de literatura em casa, mas que é adepto ao uso do *kindle*¹.

Quanto ao docente 6, o entrevistado afirma que seu acervo foi fragmentado em duas partes: uma está disposta na universidade, contendo os livros voltados ao ensino (física, história da ciência, divulgação científica) e a outra parte está em casa, com obras voltadas ao lazer, bem como os livros que mais usa, pois trabalha em casa. De modo geral, a biblioteca é organizada seguindo critérios de assuntos/áreas gerais, porém sem possuir subdivisões, justificando que:

[...] não chega ter tantos livros pra eu fazer a separação e eu não sou muito organizado, mas estão por tópicos assim, não tem subdivisão [...] as vezes eu junto alguns autores, por exemplo o Bruno Latour é outro autor que uso muito e eu tenho muitos livros dele, então eu coloquei todos juntos [...] em geral estão próximos os autores que eu considero próximos ao Latour [...] então as vezes eu organizo por autor (D6).

Além da divisão por assunto, o docente possui apenas uma seção utilizando o autor Michel Foucault como critério de classificação, pois sua coleção do filósofo é mais extensa e acabou sendo agrupada como uma coleção. Na biblioteca também é possível encontrar livros que não estão aliados a uma classificação específica e, portanto, acabam formando uma pequena “coleção de livros sem critério de classificação”:

Tem livros que não tem como classificar, aí eu boto tudo junto aqui porque são livros que as vezes me interessam, coisas mais antigas que estudei a algum tempo, então é um livro de filosofia, um livro de psicanálise, um livro de antropologia enfim, coisas assim que é mais por curiosidade mesmo que eu comprei (D6).

Mesmo que o acervo não seja sinalizado e a divisão seja ampla, o docente afirma que a separação é suficiente para se localizar nas estantes, atendendo as suas necessidades, bem como as de seus alunos.

De maneira geral, quando questionados se consideram seu método de organização eficiente, todos afirmaram que sim. O docente 1, apesar de não

¹ Kindle é um dispositivo que disponibiliza o acesso a livros digitais.

possuir critérios, consegue se localizar muito bem na sua própria disposição pessoal “bagunçada”, assim como os docentes 2, 4, 5 e 6 que, apesar de não possuírem um registro das obras que compõe seu acervo, sempre conseguem localizar as obras desejadas, afirmando: “sim, eu me encontro bem” (D2); “me satisfaz plenamente” (D5) e; “Perfeitamente, [...] quando eu não encontro um livro é porque ele está emprestado e eu não anotei que emprestei” (D6).

O docente 4 faz um apontamento sobre seu registro pela memória, já que apenas ele consegue acessar as obras no acervo, afirmando que isso é um problema, pois limita o acesso a quem tiver interesse em consultar a biblioteca:

Aqui qual é o problema, é que depende de mim né? Se eu não estiver aqui alguém vai perder muito tempo para encontrar um livro que precise e que sabe que está aqui, por que eu não tenho nenhum registro certo? Então se alguém precisar, um aluno meu etc., olha vai lá em casa que na biblioteca você vai encontrar um livro do autor X, aí o cara chega aqui ele vai perder um pouquinho de tempo para saber onde está localizado. Se eu estou aqui eu digo ‘ó você vai naquela estante e naquela prateleira que ele está lá’. Então ele tem uma utilidade para mim, particular, que eu sou o portador dessa memória, mas para outra pessoa isso dificulta (D4).

Por fim, o docente 3 afirma que se localiza com muita eficiência, pois possui um registro e indicações nas estantes que possibilitam localizar as obras facilmente.

Apesar de utilizarem substancialmente o assunto como princípio de divisão, as singularidades se destacam dentro dos acervos, que trazem diferentes olhares sobre a organização de bibliotecas particulares, relacionando aspectos como tempo, importância, preferências por determinados autores, a quantidade de livros que há deles e sua própria trajetória de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar as entrevistas com os docentes a respeito de suas bibliotecas particulares, buscou-se entender a relação entre o professor e sua própria biblioteca e compreender se tal relação poderia determinar a escolha de critérios para a organização das obras. Os resultados obtidos demonstraram que as bibliotecas vão além de um auxílio acadêmico, ou como ferramenta de lazer: elas caracterizaram seus tutores. Essa caracterização foi encontrada nos detalhes

mais minuciosos e nas frases mais bonitas, que, com certeza, marcaram o decorrer da pesquisa e redação dos resultados.

O estudo evidenciou os princípios de organização utilizados pelos professores, atendendo ao objetivo da pesquisa. Dos seis acervos analisados, quatro utilizam assuntos como classes principais: dois utilizam essencialmente o assunto das obras como critério de divisão e dois apenas em partes, sendo possível ver a classificação misturando conceitos de assunto, autores e histórias pessoais. Os outros dois destoaram desse método ao utilizarem critérios diferenciados, e até inéditos: a importância do livro para o docente e a divisão geral por continentes e países. Apesar de diferentes entre si, todos os métodos descritos pelos docentes cumprem, de acordo com suas falas, com eficiência o seu papel na organização e localização da informação nas respectivas bibliotecas particulares.

No decorrer da pesquisa foram se destacando singularidades nos acervos, como a utilização do princípio de importância na organização. Por certo foi o ponto fora da curva da pesquisa, como menciona o docente que utiliza esse critério, pois é um método que mostra o quanto o proprietário conhece seu acervo e sabe exatamente onde está cada livro. Essa identificação surpreende no fato de que, reconhecer o acervo, estando ou não organizado, é ver o seu próprio reflexo através das estantes.

Ainda, a presença da cronologia como critério para classificar também se destaca por utilizar elementos totalmente pessoais na organização das bibliotecas. Ela é vista em dois acervos: o primeiro que a utiliza, busca mostrar sua própria história de vida ao classificar uma seção do seu acervo de maneira cronológica, organizando os livros das cidades por onde passou pela ordem de sua própria trajetória. Além de utilizar esse critério nesta seção, ele também dispõe os livros de literatura de autores cuja produção leu integralmente de acordo com a cronologia em que realizou as leituras.

O segundo usa a cronologia como critério de ordenação, pois ao invés de organizar de maneira crescente ou decrescente por publicação das obras, utiliza a ordem em que o livro chegou até ele. Apesar de o docente definir a cronologia como uma alternativa para não haver lacunas na classificação, ela acaba

evidenciando sua história com o livro.

Foram as histórias contadas nas entrevistas que despertaram a curiosidade em conhecer a fundo o acervo e tentar ver e compreender o professor através de sua biblioteca. Além de conhecer a maneira que organizam espacialmente sua informação, foi possível enxergar as histórias e as vidas que fluem por entre as estantes desses docentes, mostrando que a localização dos livros é tão pessoal e cativante quanto as próprias obras. São as “dedicatórias arrancadas dos livros” que irão marcar a memória daqueles que escutam sobre a história de uma biblioteca particular.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emily Lima Galdino de; VILA, Monise Danielly Pessoa. A biblioteca e suas tipologias. *In*: Congresso de Gestão Pública do Rio Grande do Norte, 13., 2019, Natal. **Anais [...]**. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: <http://congesp.rn.gov.br/anais/edicoesanteriores.html>. Acesso em: 03 fev. 2022.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 233-249, set./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22703>. Acesso em: 15 fev. 2022.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de *et al.* Apresentação. *In*: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e (org.). **Da minha casa para todos**: a institucionalização de acervos bibliográficos privados. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2018. p. 05-07. Disponível em: <https://daminhacasaparatodos.icict.fiocruz.br/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

BARBOSA, Alice. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CARIBE, Rita de Cássia do Vale. A biblioteca especializada e o seu papel na comunicação científica para o público leigo. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 185 -203, jan. /jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2511>. Acesso em: 12 fev. 2022.

COELHO, Gislene Teixeira. **A biblioteca como representação metafórica da intelectualidade latino-americana**, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/darandina/files/2010/01/Gislene-Teixeira.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2022.

COSTA, Ivani Di Grazia; NAPOLEONE, Luciana Maria. Bibliotecas particulares e coleções especiais: diferentes perspectivas. *In: Encuentro Nacional de Instituciones con fondos antiguos y raros*, 4., 2017, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: Biblioteca Nacional Mariano Moreno, 2017. Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/bibliotecarios/encuentros-jornadas-seminarios/libros-antiguos-y-raros/p-iv-encuentro-nacional-de-instituciones-con-fondos-antiguos-y-raros-p>. Acesso em: 08 mar. 2022.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; RUBI, Milena Polsinelli; BOCCATO, Vera Regina Casari. O contexto sociocognitivo do catalogador em bibliotecas universitárias: perspectivas para uma política de tratamento da informação documentária. **DataGramaZero**, [s. l.], v. 10, n. 2, abr. 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6489>. Acesso em: 07 mar. 2022.

HILLESLEINI, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 5, n. 5, p. 90-103, 2000. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/349>. Acesso em: 07 mar. 2022.

LACERDA, Ana Regina Luz. Da Importância de se manter reunidas bibliotecas particulares: quatro exemplos da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE-UNB). **Memória e Informação**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 104-117, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/158>. Acesso em: 13 fev. 2022.

LOPEZ, Telê Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem de sua biblioteca e de sua marginália. **Escritos: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa**, [s. l.], v. 5, n. 5, 2011. Disponível em: <http://escritos.rb.gov.br/numero05/artigo04.php>. Acesso em 07 mar. 2022.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert. **Tipologia de bibliotecas segundo as variáveis função, acervo e público**. Salvador, 2020. [material didático-slides]. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23819>. Acesso em: 18 out. 2024.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 1978.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/29059>.
Acesso em: 13 fev. 2022.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 4. ed. Brasília: Briquet de Lemos; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

NUNES, Leiva; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Da filosofia da classificação a classificação bibliográfica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 30-48, jul./dez. 2009.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1973>. Acesso em: 07 mar. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 17 dez. 2021.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SANTIAGO, Maria Cláudia. O processo de institucionalização da biblioteca do médico Antônio Fernandes Figueira. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e (org.). **Da minha casa para todos: a institucionalização de acervos bibliográficos privados**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2018. p. 5-7. Disponível em: <https://daminhacasaparatodos.iciet.fiocruz.br/>. Acesso em: 05 mar. 2022.

SANTOS, Fernanda do Nascimento; VALLS, Valéria Martin. A classificação do acervo da biblioteca particular de Mário de Andrade. **REBECIN**, São Paulo, v. 8, p. 01-14, dez. 2021. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/266>. Acesso em: 07 mar. 2022.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237>. Acesso em: 04 mar. 2022.

SILVA, Rosângela Coutinho da. **Sob a pele dos livros da coleção do professor Celso Cunha**. 2018. Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/iciet/36558>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Organização do conhecimento. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 103- 123.

VELLOSO, Ana Paula Meyer. **Bibliotecas particulares e dispositivos de leitura**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3974>. Acesso em: 13 fev. 2022.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez., 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/issue/view/459>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SINGULARITIES IN THE ORGANIZATION OF PRIVATE LIBRARIES OF UNIVERSITY PROFESSOR

ABSTRACT

Objective: This article seeks to identify the process of information organization in personal libraries belonging to professors at the Federal University of Santa Catarina. Specifically, the aim was to describe the organizational methods employed in the collections investigated. **Methodology:** This is a study with a qualitative approach of an exploratory and descriptive nature. For data collection, semi-structured interviews were conducted with six professors of the university, which took place either in person in the libraries that were the focus of the study or remotely when the collections were in the residences. The interviews were recorded and later transcribed. The content analysis method was used to process the data. **Results:** After the interviews, it was found that most participants defined subject as the principle of organization, in addition to the use of authors' names at the time of classification, year in the ordering of works, and the use of location as a criterion. However, personal criteria in the organization stood out, such as the use of importance as a classification method, the division by continents and countries as the main class, the ordering according to the life trajectory of the professor and of the book, as well as the creation of a personal classification system. **Conclusions:** In general, personal criteria stood out in the classification methods used by the professors, a fact that shows how the personal library reflects the life of its owner.

Descriptors: Private library. Information Organization. Classification in private libraries.

SINGULARIDADES EN LA ORGANIZACIÓN DE BIBLIOTECAS PRIVADAS DE PROFESORES UNIVERSITARIOS

RESUMEN

Objetivo: El presente artículo busca identificar el proceso de organización de la información en bibliotecas privadas de profesores de la Universidad Federal de Santa

Catarina. De modo específico, se pretendió describir los métodos de organización empleados en los acervos investigados. **Metodología:** Se trata de un estudio con un enfoque cualitativo de carácter exploratorio y descriptivo. Para la recolección de datos, se realizaron entrevistas semiestructuradas con seis docentes de la universidad, que ocurrieron presencialmente en las bibliotecas objeto del estudio o de manera remota cuando los acervos se encontraban en las residencias. Las entrevistas fueron grabadas y posteriormente transcritas. Se utilizó el método de análisis de contenido para tratar los datos. **Resultados:** Después de las entrevistas, se constató que, en su mayoría, los(as) participantes definen el tema como principio de organización, además del uso de los nombres de los autores en el momento de la clasificación, el año en la ordenación de las obras y el uso del criterio de localización. Sin embargo, los criterios de carácter personal en la organización se destacaron, como la utilización de la importancia como método de clasificación, la división por continentes y países como clase principal, la ordenación por la trayectoria de vida del docente y del libro, así como la creación de un sistema propio de clasificación. **Conclusiones:** En general, los criterios personales se destacaron en el método de clasificación utilizado por los profesores, hecho que evidencia cuánto la biblioteca particular es el reflejo de la vida de su propietario.

Descriptores: Biblioteca privada. Organización de la información. Clasificación en bibliotecas privadas.

Recebido em: 01.11.2024

Aceito em: 29.10.2025